

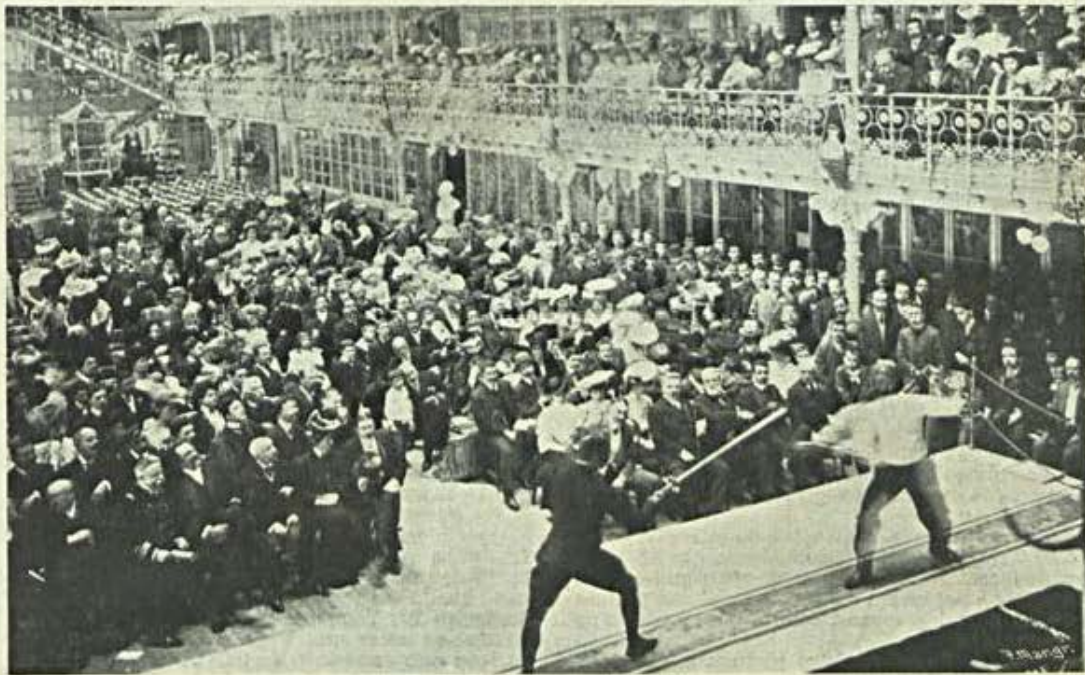
# BRASIL - PORTUGAL

16 DE MAIO DE 1906

N.º 176

## Festa em honra do esgrimista Franco Vega

Na Sociedade de Geographia, em 6-5-1906



Assalto de esgrimã

# A navegação da Argentina

**E**m importancia e interesse nacional este assumpto sobreleva a quantos n'este momento reclamam a opinião publica, transviada para muitos outros de mediocre valor, aos quaes mais injustamente ella se prende.

Temos esse feitiço nós os meridionaes. Occupam-nos e absorvem-nos de preferencia as questões que mais se afastem da realidade, rocem mais pela utopia, e mais pertençam aos dominios da rhetorica que das coisas praticas. O platonico e o palavroso teem ainda um logar privilegiado na vida portugueza, e, d'ahi a surpresa que não raro nos colhe ao presenciarmos em qualquer ramo da actividade humana os resultados effectivos, duradouros, efficazes, da acção energica e meditada dos homens do norte. E não menos frequentes vezes chegamos a extranhar e não comprehender os seus processos simples, havendo muitos d'entre nós que os consideramos feitos d'outro estofo, dotados de outra tempera. E porque assim é, não hesitamos em rebaixar o valor d'aquelles que em Portugal, alheando-se do nosso feitiço, se approximam do feitiço d'elles e empregam processos que elles usam e empregam e conseguem resultados que sem a reflexão, o bom senso e a perseverança, seria impossivel conseguir.

O que, de ha bastantes mezes a esta parte, se tem passado entre nós a proposito da navegação argentina, da preferencia de portos europeus e da superioridade do de Lisboa sobre os de Vigo e Cadiz, é materia que baste para aquilatar a levandade que entre nós preside a todos as questões que mais devem interessar a patria, ás que mais devem conjugar-se com o seu futuro e preoccupar os seus governantes.

O problema, para nós capital, da navegação da Argentina, que era o reconhecimento publico da supremacia do nosso bello porto, a sua escolha como *terminus* para o desembarque dos americanos do sul que veem á Europa, está resolvido, mas seria injusto não confessar os erros que por nossa parte em volta d'elle se teem accumulado, a injustiça com que tem sido acolhido o trabalho e o esforço dos que mais contribuíram para o resultado obtido, e o imperdoavel indifferntismo com que os governos portuguezes teem visto precipitar-se os acontecimentos, contra os quaes, honra lhes seja, os nossos visinhos hespanhoes, sem um só momento cruzarem os braços, gastaram toda a polvora para vencer um reducto que afinal se tornou para elles inacessivel, irresistivel.

No exito triumphante entrou muito a sorte que nunca nos abandonou, e que os crentes de outras eras, n'este caso como em tantos outros, haveriam decerto attribuir á padroeira do reino.

Está conseguido o grande resultado, é certo, mas — desgraçado feitiço o nosso — parece que a atmosphera está ainda saturada de suspeições e duvidas, sente-se um esforço violento para dizer a verdade e fazer justiça, ha como que uma geral repugnancia em dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar.

Se para este exito assignalado contribuíram poderosamente entidades de nós conhecidas, como conhecidos foram os trabalhos que effectuaram, não lhes regateemos louvores, não lhes deneguemos o merito, que redunde em vantagem de nós todos, e que n'um momento historico veio aproveitar aos interesses da nacionalidade.

Abrimos uma excepção honrosissima para a Associação Commercial de Lisboa que, pondo aquelles interesses nacionaes acima de quaesquer outras considerações, immediatamente officiou e telegraphou ás personalidades que tão patrioticamente concorreram para o optimo resultado a que se chegou.

E porque não havia de fazel-o, e porque não hão de fazel-o todos os que por este bocado de terra se interessarem devéras, se lá fóra, como acabamos de ver n'um grande jornal argentino, até as emulações se renderam, e os adversarios do combate, no fim do duelo, depõem as armas, apertam-se as mãos, e os vencidos fazem justiça á victoria do vencedor?

E' o que, enchendo-nos de jubilo, se nos depara no importantissimo órgão da colonia hespanhola em Buenos Ayres *"El Diario Español"* de 6 de março ultimo, que ao titulo *"As viagens rapidas"* subordina as palavras que passamos a transcrever:

\*A proposito d'este assumpto forçoso nos é reconhecer a diligencia com que o digno ministro de Portugal, o sr. Roque da Costa, persiste na sua propaganda a favor de Lisboa, como porto de desembarque para os argentinos que vão á Europa. Dão prova d'essa actividade e do seu zelo os seguintes telegrammas inseridos no *El Diario*, da tarde.

\*E' habilissima esta propaganda, demonstrando interesse e cuidado pelos que chegam a Portugal, dando nomes conhecidos que servem de estímulo e incentivo aos que pensam em segui-los; não se descuidando do minimo pormenor, e fornecendo, n'uma profusa e custosa transmissão de telegrammas, informações praticas no sentido de attrair e vincular.

\*Como adversarios leaes do sr. ministro portuguez, não podemos deixar de confessar que elle faz todos os esforços para vencer,

sem nunca abandonar a luva brauca, a poderosa resistencia de todos nós que luctamos a favor de Cadiz e Vigo, e especialmente a do sr. Echegaray, que, como nenhum outro se mantém energico a favor do nosso patriotico empenho.

\*Lastima é que a conducta do sr. Roque da Costa não encontre na sua esphera e a nosso favor alguma acção compensadora da resistencia á sua *penetração pacifica* a favor de Lisboa.

Esta linguagem escripta por adversarios, fazendo justiça, em lingua estrangeira, ao valor e ao trabalho de um portuguez que representa a sua nação, consola o espirito e compensa-o um tanto das desillusões acerbas que o salteiam e dos espectaculos tristes que a todo o momento se lhe deparam.

Na sua ultima sessão, a direcção da *"Sociedade Propaganda de Portugal"*, que se impoz a obrigação patriotica de ver as coisas de alto, e de não se preoccupar senão com os interesses do paiz, examinou os serviços prestados pelo nosso ministro em Buenos Ayres, viu que essa famosa *Lei Luro*, que tanto nos prejudicava, está caducada, tendo elle contribuido largamente para que a fossem pondo de parte o governo e a imprensa argentina; reconheceu que os vapores allemães, tocam no porto de Lisboa, em consequencia dos seus trabalhos em Hamburgo; que os vapores ingleses estão fazendo quatro a cinco viagens por mez em logar das duas que faziam; que as *Messageries Maritimes* estão dando passagens directas para Paris, via Lisboa, e que se o *Sub-Express* tri-semanal passar a ser quotidiano, as combinações que fez em Paris concorrem tambem para esse resultado; em summa, as viagens rapidas effectuadas sem subsidios, são tudo isto serviços que é de justiça pelo menos não esquecer. E a *"Propaganda de Portugal"*, reconhecendo-os, apressou se tambem a officiar os seus agradecimentos ao ministro portuguez em Buenos Ayres.

Não é de mais que n'estas columnas do *Brasil-Portugal* se registem esses agradecimentos e se fixem estas palavras.

## A eloquencia dos numeros

Segundo um estudo interessantissimo, que temos presente, acerca do movimento dos principaes portos do mundo, e que comprehende 60 estações maritimas, Lisboa occupa o 12.º logar.

Sob o ponto de vista da importancia da tonelagem de registro dividem-se os portos dos diferentes paizes em duas grandes categorias — a das tonelagens de entrada que excedam dois milhões de toneladas de registro, e a das de um a dois milhões.

A frente da 1.ª figura Londres com 10.177.023 toneladas: o ultimo, Yokoama, com 2.030.218. O primeiro porto da 2.ª categoria, Nagasaki, representa 1.974.700 toneladas: o ultimo, Tampico, 1.900.001.

Temos, pois, com relação ao trafico internacional, que os principaes portos são, por sua ordem:

- 1.º Londres — 10.177.023 toneladas.
- 2.º Hong Kong — 9.598.639 id.
- 3.º Nova-York — 8.982.707 id.
- 4.º Hamburgo — 8.089.000 id.
- 5.º Anvers — 8.425.127 id.
- 6.º Liverpool — 6.843.200 id.
- 7.º Rotterdam — 6.546.423 id.
- 8.º Shanghai — 4.726.411 id.
- 9.º Marselha — 4.565.116 id.
- 10.º Genova — 4.325.458 id.
- 11.º — Cabo da Boa Esperança — 4.255.602 id.
- 12.º Lisboa — 3.612.051 id.
- 13.º Buenos Ayres — 3.403.843 id.
- 14.º Copenhague — 3.111.131 id.
- 15.º Argel — 3.035.131 id.
- 16.º Bremen — 2.984.410 id.
- 17.º Melbourne — 2.827.949 id.
- 18.º Sidney — 2.706.651 id.
- 19.º Alexandria — 2.561.152 id.
- 20.º Barcelona — 2.430.257 id.
- 21.º Savannah — 2.252.052 id.
- 22.º Havre — 2.247.900 id.
- 23.º Trieste — 2.119.528 id.
- 24.º Yokoama — 2.030.218 id.

Os portos da 2.ª categoria são: 1.º Nagasaki — 2.º Fiume — 3.º Philadelphia — 4.º Amsterdam — 5.º Durban — 6.º Rio de Janeiro — 7.º Dunkerque — 8.º Gottemburgo — 9.º Montreal — 10.º Odessa — 11.º Valparaizo — 12.º Veneza — 13.º Cronstadt — 14.º Veracruz — 15.º Calcutá — 16.º Bombaim — 17.º Riga — 18.º S. Francisco — 19.º Bordeus — 20.º Tampico.

Deve-se notar que Vigo e Cadiz não figuram n'estas listas. Juntos não excedem de 500.000 toneladas.

A eloquencia dos numeros!



Conselheiro Fernando de Sousa

*Presidente da Associação de Engenheiros, secretario do conselho d'administração dos Caminhos de ferro do Estado, e presidente da direcção da Sociedade «Propaganda de Portugal», tão poderosas são as suas faculdades de intelligencia e trabalho, tão methodicamente sabe repartir a actividade por todas estas espheras de acção, que todas aquellas importantes aggregações accusam o valor pessoal, o senso pratico, o labor infatigavel e productivo d'este homem que é ao mesmo tempo modesto e util, despretencioso e patriota. Nem ha maior louvor a dirigir aos portuguezes do nosso tempo. Nem ha para o «Brasil-Portugal» maior jubilo que o de fazer justiça aos ruros que a merecem.*

## Na California

Vem a proposito algumas palavras sobre S. Francisco, a formosa cidade da America do Norte, a garrida Rainha do Pacifico, que successivos tremores de terra quasi destruíram por completo.

S. Francisco data de 1776, epoca em que ali se estabeleceram os primeiros europeus hespanhoes, mas a fundação definitiva da cidade começou em meados do seculo passado, quando a febre do ouro atraíu aquella região milhares de aventureiros da America, da Europa, da Asia, de toda a parte enfim.

Em poucos annos desenvolveu-se assombrosamente e fez-se uma cidade vasta de madeira e ferro. Empregavam-se apenas estes materiaes por causa dos terremotos. Ahí por 1870 S. Francisco, esquecida da ameaça tremenda das convulsões geologicas, começou a transformar-se aliudando-se com construcções de pedra e cal, palacios soberbos, edificios publicos, hotéis enormes de vinte e mais andares, monumentos, etc. Em má hora se esqueceram d'esse perigo. No dia 18 de abril toda aquella região foi sacudida por abalos violentos e a cidade alluiu quasi toda.

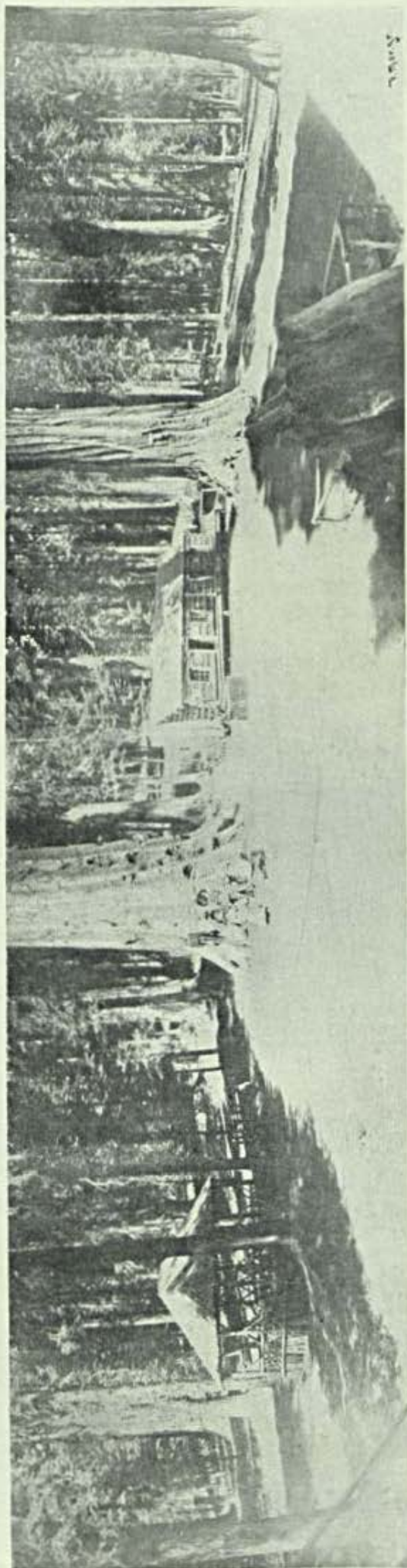
S. Francisco era uma das cidades mais populosas da costa americana do Pacifico — cerca de 500 mil almas. Assente á beira da profunda e vasta bahia, era uma das mais pittorescas cidades do mundo, com as suas amplas avenidas, os seus parques, os seus monumentos de marmore, e edificios como a City Hall, Bolsa, Casa da Moeda. O commercio desenvolveu-se dia a dia, e a industria tomara nos ultimos tempos grande incremento. Os arredores da cidade abundam em minas de ouro, mercurio e prata. Na bahia entravam annualmente mais de 3.000 navios e o commercio fazia-se principalmente com as ilhas de Hawaii, a China, o Japão, Inglaterra e portos francezes.

Para se avaliar a importancia da bahia de S. Francisco basta frisar o seguinte facto:

A importação por todos os portos da California foi, em 1898, de mercadorias avaliadas em 43.497.665 dollars. D'estes 43 milhões, 42.821.945 foram importados por Golden Gate (porta de ouro), entrada da Bahia de S. Francisco.

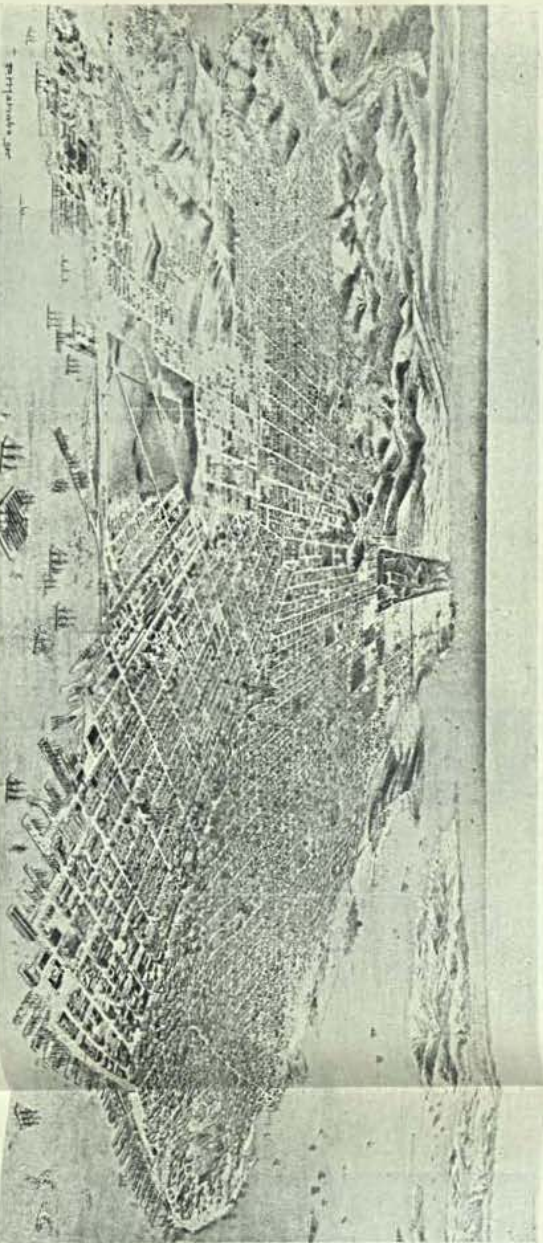
Publica o *Brasil-Portugal* n'este numero 12 gravuras representando aspectos de S. Francisco e entre elles *Marlhet Street*, a rua que mais soffreu com o terremoto, ficando quasi toda em ruinas, e uma vista geral da cidade e da bahia tirada em 1900.

NA CALIFORNIA

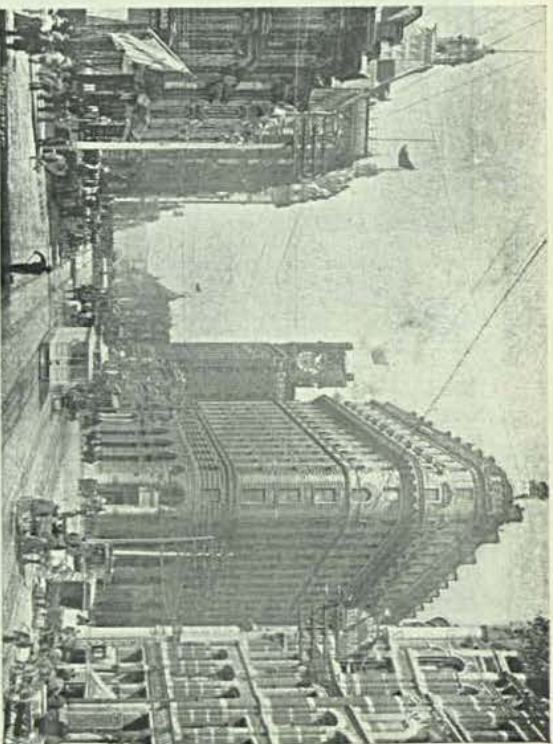


Maraposa. — Grande floresta de arcores gigantes

# Na California — O terramoto de 18 de abril



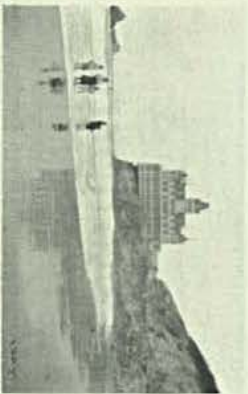
A cidade de S. Francisco em 1800



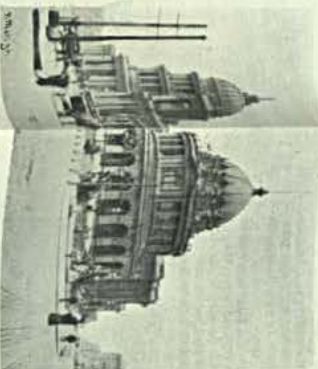
Market Street — A rua que mais sofreu com o terramoto. Foram destruídos os palácios: Municipal, Ferry, Hobart, Crocker e o das instalações do Chronicle.



Bahia de S. Francisco.



Cliff House — ombros de mar



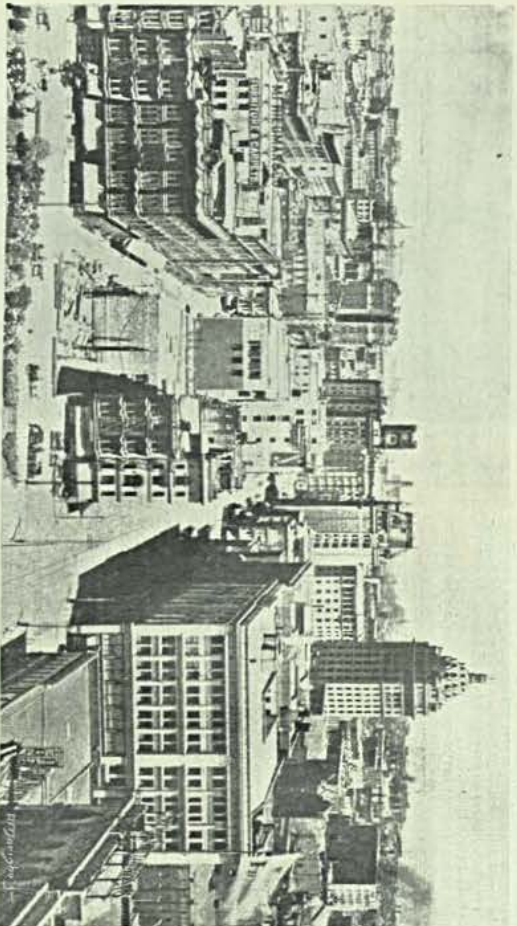
Palácio Municipal e City Hall



Outro aspecto de Market Street

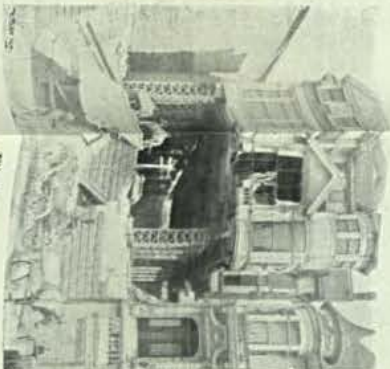


Um aspecto da cidade

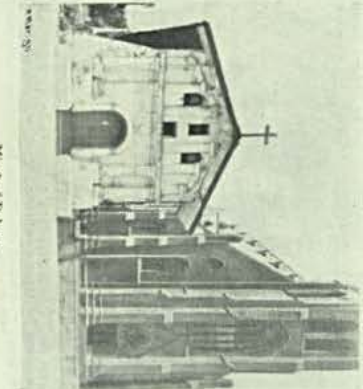


do fundo a baía e a ilha de Yerba Buena — O monumento à direita foi erigido em comemoração da vitória naval da baía de Manila

Vista tomada de um alto em Union Square.



Esta street



Hotel "Delores". A igreja espanhola mais antiga de S. Francisco



Interior de Cliff House

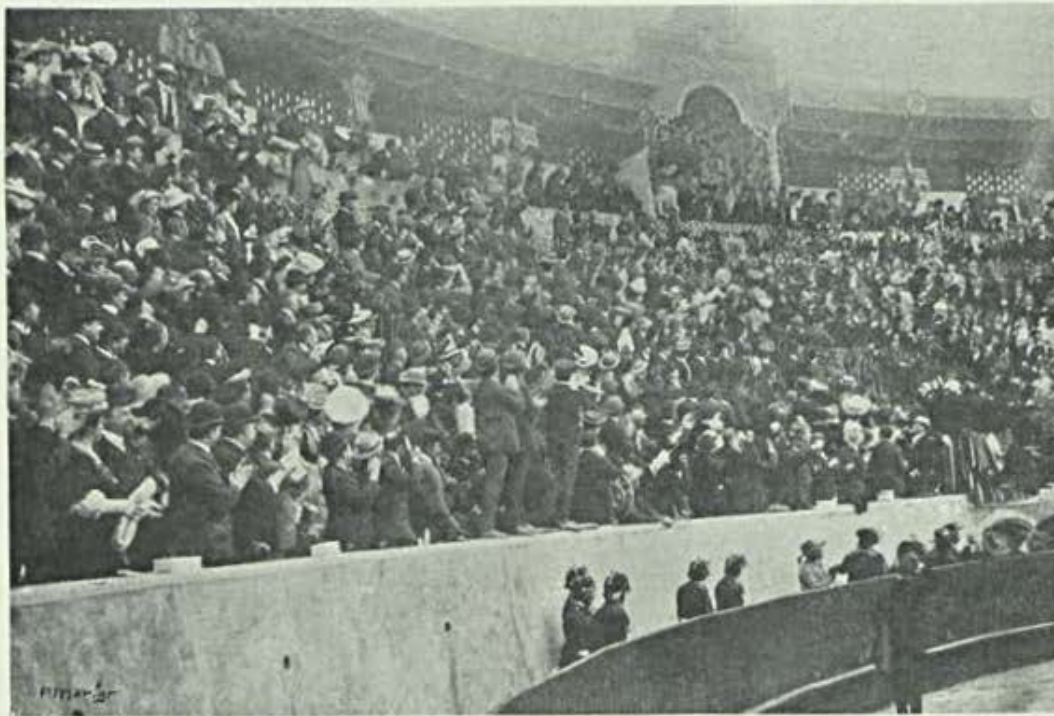
# Echos do Congresso de Medicina

A tourada em Villa Franca de Xira

em honra dos Congressistas



Camarote real



Aspecto da praça de Villa Franca

teis e os representantes da nação tiveram o voto do povo nas naves sombrias dos templos. Ambos os actos correram pacificamente, segundo as chronicas jornalisticas, á parte algumas cabeças partidas, cujo sangue não enodou os quadrilongos do almasso do suffragio, que continuam sendo uma das poucas coisas immaculadas da nossa terra.

Foi no dia 4 de Maio que as gazetas publicaram o mappa definitivo da eleição de Lisboa e os resultados positivos das eleições nos outros cir-

## A quinze dias de vista . . .

Letras que não obrigam a protesto

III

*A outorga da Carta e a eleição geral de Deputados. — Vem á Camara políticos de todas as procedencias. — A Chronica felicita os representantes do povo e sente não dispor de um piano para acompanhamento da felicitação. — Prova se com o testemunho de duas pessoas sérias que os mais graves elementos de perturbação na vida portugueza são: o deputado, no exercicio das suas funcções, e o auctor d'estas linhas tocando piano. — Deus inspire os senhores deputados. — Uma opinião de Eduardo Garrido. — Exposição de romas e Exposição de Bellas Artes. — Pretende-se demonstrar por que umas são muito concorridas e outras não o logram ser. — O amador á solta. O que convem talvez fazer. — O exemplo da Natureza-Mãe. — Chegada do dr. Bernardino Machado. — S. ex.<sup>a</sup> é uma calamidade publica. — Uma observação de Guerra Junqueiro. — Considerações varias. — O sr. de Tocqueville fecha esta chronica com chave d'ouro.*



Os jogadores de pau e o seu professor Arthur dos Santos

O dia 29 de abril findo foi consagrado a duas celebrações: a da outorga da Carta Constitucional e a da eleição dos senhores deputados. Foi, como se costuma dizer, um dia cheio, politicamente falando. A Carta teve o hymno nas paradas illuminadas dos quar-

culos. Por esses curiosos mapps e informações verificou-se que o paiz mandava á camara baixa representantes de todas as procedencias politicas: regeneradores, progressistas colligados com franquistas, nacionalistas, republicanos, independentes, e até um legi-

timista. Foi com asombro que o paiz verificou este facto de precedentes remotos, mettendo alvoroçadamente o nariz nas profundezas dos jornaes, de cujos roda-pés saltavam, como maios floridos, rechonchudos e sorridentes, os nossos advogados nos pietos politicos e na discussão ponderosa dos graves assumptos da publica administração. Maios sorridentes chamei a suas excellencias e não retiro a phrase, que considero galante, mas devo declarar que não incluo na conta as figuras carrancudas do sr. doutor Bernardino Machado, que não acceta o mandato por escrupulos de consciencia, capacitado de que a sua votação não foi genuinamente republicana, e a do sr. Angelo de Sarrea Prado, legitimista, que está resolvido, tambem, a recusar o diploma por escrupulos de seita, convencido de que um bom miguelista não



Congresso de Medicina. — Presidentes de honra

1.º plano: 1.ª da esquerda — Dr. Miguel Bombarda. Ultimo da direita — Conselheiro Costa Allemão

pode decorosamente aceitar uma eleição realizada no dia em que se celebrava a outorga da Carta Constitucional.

A parte estas duas notas discordantes, que registo com sentimento, as eleições provocaram entusiasmo geral, manifestado em milhares de telegrammas e foguetes, vivas, abraços e felicitações de todas as especies. Graças ao Senhor todos estamos contentes com a nossa sorte, eleitores e eleitos, com excepção, é claro, dos carneiros, que na forma do louvavel costume tiveram a sua Saint Barthelemy.

Por minha parte tenho a honra de apresentar respeitosos cumprimentos de felicitação aos senhores deputados da Nação Portuguesa, pedindo desculpa de não acompanhar esta saudação com musica porque não tenho agora um piano — unico instrumento que toco — aqui á mão. Se dispuzesse d'essa machina infernal, n'este momento solemne estariam suas excellencias de pé, curvando as pensadoras cabeças commovidamente á minha saudação feita ao som do hymno nacional, e o visinho do primeiro andar estaria a bater com um pau cá para cima. E porfim talvez fosse todos presos, sem que houvesse de parte a parte muita razão para protestar. Porque, falando com a franqueza que n'este momento critico para a nacionalidade se impõe a todo o patriota, se ha elementos perturbadores na sociedade portugueza, esses são: o deputado, na camara; eu, ao piano.

Não protestem! Não protestem! E' assim mesmo! E não sou eu quem o diz! Apenas repito o que ouvi a dois cidadãos eleitores e elegiveis, creaturas tementes a Deus, tão boas pessoas que até são meus visinhos. Pela minha penna fala n'este momento o paiz, representado por esses cavalheiros estimabilissimos, alheios á politica, independentes como os que o são.

Ambos elles moram cá no predio: um, no terceiro andar; outro, no primeiro. Eu, no segundo.

Uma bella noite estava eu ao piano. O meu visinho de cima lia em voz alta á familia o boletim parlamentar das *Novidades*. Era no tempo em que se discutia acaloradamente a questão dos tabacos. Houvera obstruccionismo na camara baixa e o meu visinho lia tão interessado como indignado as judiarias da opposição. Por fim exclamou com voz de stentor:

— Onde vamos nós parar. Santo Deus, onde vamos nós parar?!...

Como que a responder-lhe o visinho de baixo exclamou precisamente quando eu atacava um forte:

— Vamos parar a Rihafoles, não ha duvida!

Deus inspire os senhores deputados da Nação! De todo o coração faço este voto, tanto mais que sou um d'aquelles leaes portuguezes convencidos de que suas excellencias hão-de acertar, com o auxilio da Divina Providencia — que tem as costas largas.

— Podemos descançar n'elles! dizia-me ha dias o meu velho camarada e amigo Eduardo Garrido.

— Parece-te, então, que podemos descançar n'elles?

— Oh homem, pois não se trata de deputados e... leitros?!

Como a Primavera se não resolvesse a apparecer, a certa altura do mez findo, toda a gente resolveu não falar mais n'isso e voltar a gola para cima por causa do frio e do agreste vento que insistentemente flagellou o pobre alfacinha. Aceitaram-se as coisas como ellas eram, o que tanto monta dizer que nos resignamos todos

com o tempo que Deus Nosso Senhor determinou, e passou se á ordem do dia. A qual passagem á ordem do dia foi fazer cada um o que tinha e tencionava fazer no ambiente tepido da estação serodia.

Assim, foram inauguradas, no Atheneu Commercial a 25 de abril, e no Jardim Zoologico, a 6 de maio, exposições de rosas, e a Sociedade Nacional de Bellas Artes abriu o seu *salon*.

A concorrência ás duas primeiras exposições excedeu, e muito, a da ultima. E' para lamentar que tal succedesse, mas foi assim mesmo. Antes de se abrir a exposição de Bellas Artes soube se que pouquissimos dos nossos artistas concorriam com trabalhos novos, limitando-se outros a expôr obras vistas nos *salons* de 905 e 904. Em compensação, o amigo amador fazia-se representar furiosamente e, triste é dizel-o, em grande numero de casos, muito lamentavelmente.

Nunca se pensou a sério n'este caso especial do amador e, no entanto, elle é grave. A brandura dos costumes, uma condemna-



Congresso de Medicina. — Grupo de medicos brasileiros delegados

Da esquerda para a direita, 1.º plano: Dr. Juliano Moreira

Dr. M. Calvacanti — Dr. Neves da Rocha

2.º plano: Dr. M. Souto — Dr. Mello Rios — Dr. Freire de Carvalho.

vel subserviência de que todos enfermamos e nos amolice a energia da vontade, tem franqueado hospitaleira e generosissimamente as portas das nossas exposições d'arte a esse bichinho de conta, permitindo-lhe despejar para ali tudo quanto o seu engenho (?) produziu durante doze mezes. O resultado é, naturalmente, mau. O Critério entra, olha, dá uma voltinha ao recinto, cumprimenta duas ou tres pessoas conhecidas e esgueira-se cosido ás paredes. A' porta encontra a Galhofa e cede-lhe o passo.

— Tenha a bondade...

E a outra, contendo o riso:

— Faça o obsequio...

E o Critério, com as orelhas em braza:

— Então, por quem é... Não senhora, faça o favor...

E desata a fugir. E a Galhofa entra — e o demonio é ella entrar...

Quer isto dizer que se não deva dar representação aos trabalhos de amadores? Não. Muito pelo contrario. A minha opinião é que a Sociedade Nacional deve estimular, quanto em suas forças caiba, essa produção; mas, por Deus!, d'ahi a desistir do indeclinavel dever de fazer uma rigorosa, severa selecção, vae um abysmo!

Continuando as coisas no pé em que se encontram, — retraimento dos profissionais e carta branca para curiosos — dentro em pouco não será difficil enxergar um termo pouco decoroso e bem lamentavel a estes certamens, que aliás convém manter n'uma sã atmospheria de prestigio.

Eu sei que os artistas portuguezes não podem lutar contra uma rude maré de incultura e indifferença; sei que nenhum d'el-



Congresso de Medicina. — Grupo de congressistas tirado na vespera do encerramento do Congresso, 25-4

les pode dar-se ao luxo, que representaria talvez a miseria — de applicar a sua arte e a sua actividade, durante mezes, á execução de um trabalho que poucas vezes encontra remuneração ou a tem mesquinha; mas infelizmente vejo que a indifferença publica não tem suas origens apenas no retraimento dos artistas; tem-as, especialmente, n'esta ridicula exhibição de frioleiras, a que a ausencia de bons trabalhos ainda dá maior e mais deploravel destaque.

Vá-se com esta a Sociedade Nacional. Vá-se com esta, que lh'a digo eu. E creia que, enquanto se não saturar d'esta douta e solida philosophia, não fará nada. Assim, a manterem-se as coisas como estão, o triumpho das exposições de rosas sobre as exposições de Bellas Artes, será inevitavel.

E porque? Porque a Natureza, que é boa mãe como toda a gente sabe, não quer nada com amadores.

Esta é que a sabe toda!

Chegou ha dias a Lisboa o dr. Bernardino Machado, deputado eleito pela capital. A Chronica, a despeito da sua feição alegre, não pode deixar de consignar este triste facto. E digo-o triste, porque é sempre uma desgraça a chegada ou partida do sr. Bernardino Machado. Sua excellencia é, por assim dizer, uma calamidade de ida e volta. Sé chega ha bodo de pancadaria; se parte, bodo de



Dr. Augusto de Vasconcellos

Lente distinctissimo da Escola Medica, secretario da 9.ª secção (Cirurgia)



Manuel José da Silva

Este nome ficará para sempre inseparavel do XV Congresso Internacional de Medicina realizado em Lisboa. Foi um dos seus auxiliares mais efficazes e prestantes. Assim o reconheceram e publicamente o affirmaram os que n'essa reunião de sabios representavam o elemento nacional e o estrangeiro.

Desdobra-se em mil variantes a actividade de Manoel José da Silva, negociante honrado, industrial, proprietario, viajante, e acima de tudo director e dono do «Almanach Commercial», livro utilissimo de que elle fez uma instituição, e o publico lhe agradece todos os annos como um serviço de valor. Compete-lhe, pois, por adroit de couqueles o logar que n'esta pagina lhe dedicamos.

pancadaria ha. Dir-se-ha que o estimabilissimo cathedratice sempre que vem a Lisboa é para presidir a um congresso de massagistas.

Caso extraordinario, este, de a aparição da mais pacifica e ordeira creatura provocar os maiores conflictos! E' sina, é sina!, como ao barqueiro dizia o trovador nazareno. Mas por muito extraordinario que o caso pareça, mais estupendo é o do haver ainda quem dê o seu voto a este homem, quando a lista em que se lê o seu nome representa, quasi, um bilhete de enterramento.

Eu tenho pelo sr. Bernardino Machado grande consideração. Não o conheço, nem quero conhecer, uma vez que isso constitue mais que um perigo imminente: a certeza absoluta de não haver costellas que resistam a tal conhecimento. Para longe da minha porta! Mas apesar da muita consideração que sua excellencia me merece — e já estou bem arrependido de o ter declarado aqui — nem que o sr. Bernardino me doirasse eu votaria no seu nome ou iria esperal-o ou despedil-o á estação do Rocio. Amigos, muito amigos, mas negocios á parte.

Quer isto dizer que eu e muitas pessoas que nós conhecemos, não sejamos, todos, uns valentes? Está claro que não. Mas da valentia á imprudencia vae uma enorme distancia. Já Guerra Junqueiro dizia — no tempo em que elle dizia estas coisas, — que o portuguez se atira ás hastes d'um touro e foge deante do sabre d'um policia. E' uma verdade e para o ser basta a phrase ter saído da bocca de Junqueiro, incapaz de dizer coisa que não seja baseada em factos. Eu tenho a certeza de que o grande poeta nunca bateu as palmas a um touro; mas não me resta duvida de que tem fugido algumas vezes ao chafalho policial, — não porque lhe passasse pelo espirito a ideia de que as sábradas o magoassem, mas por estar convencido de não ter necessidade alguma de vir, talvez, a capacitar-se de tal utopia.

Prudencia em ambos os casos e prudencia muito para louvar. Mas vão lá prégal-a ás massas. Pois sim!... Ha dias fugiram d'um circo, na feira de Alcantara, tres elephantes que ali eram exhibidos por uma estrangeira. Panico geral. Mas um portuguez valente agarra-se á orelha de um dos pachidermes... para o segurar. Foi parar a alguns metros de distancia, impellido por uma formidavel trombada. Acodem ao homem, que tranquillisa toda a gente:

— Não foi nada, isto não foi nada, comparado com a carga de pancadaria que hontem apanhei no Rocio. Isso, sim, isso é que foi de respeito.

Moral: Aquelle que quizer arriscar a pelle, entre um acto de

## Festa em honra do esgrimista Franco Vega



O assalto de esgrima. — Magalhães — Franco Vega, professor italiano — Amorim

valentia e uma manifestação radical, deve optar pelo primeiro. Já o sr. de Tocqueville dizia que quem começa por dar vivas subversivos, acaba por dar vivas á Christina.

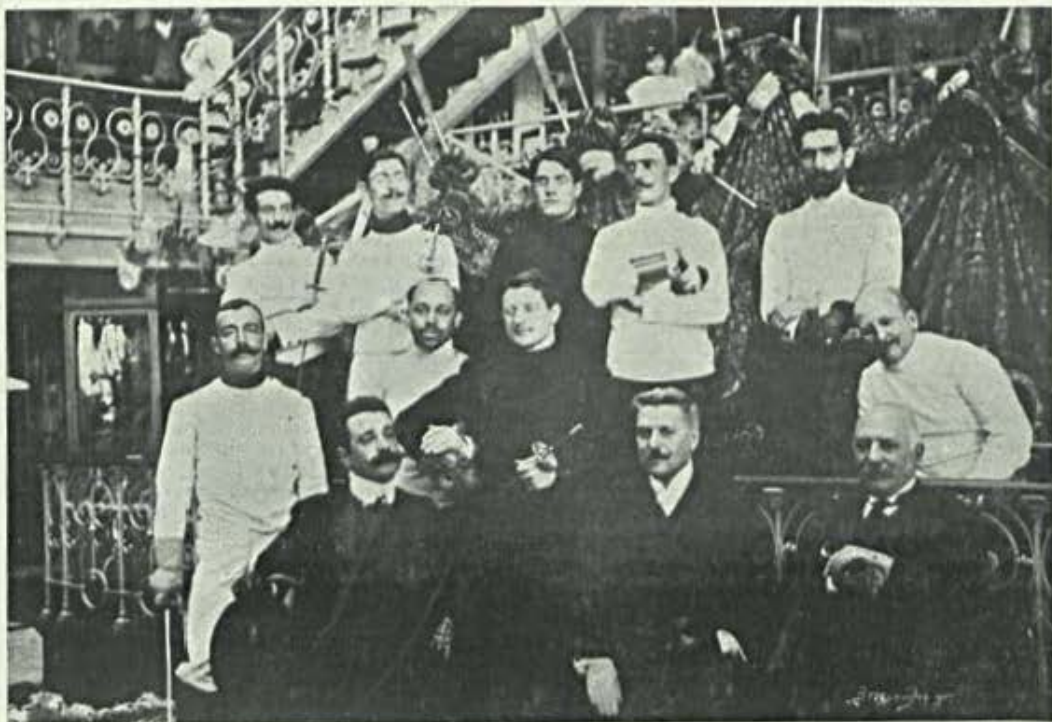
CAMARA LIMA.

## A causa da vida

(De Jose de Roure)

Em soledade nunca interrompida  
Vão-se abysmando os sabies  
Para encontrar a causa d'esta vida.  
A causa d'esta vida... Pobre gente!  
Ao reunir meus labios aos teus labios,  
Apprendemol-a nós continuamente.

JOAQUIM DOS ANJOS.



Assalto de esgrima

Da esquerda para a direita, jury, no 1.º plano: Visconde de Reguengos — Conselheiro Eduardo Villaça — Dr. João Pinto dos Santos  
2.º plano: Russell — Magalhães — Vega — L. Furtado Coelbo — Adão Bermudes — H. Mendonça Corte Real — Amorim — Marquez de Bellas — Telles de Vasconcellos



# Villa Real de Santo Antonio

Excavações. — O marquez de Pombal.  
O caminho de ferro

**H**a cerca de 300 annos existiu a pequena distancia da foz do Guadiana, uma povoação modesta — Santo Antonio de Arenilha. O mar foi pouco a pouco minando os areas até que de todo lambeu a capella que lhe dava o nome, e as casas de pescadores que a cercavam. Essas ruinas desapareceram e jazem hoje sepultadas no fundo do rio. A vasta região manteve-se durante cerca de dois seculos abandonada e deserta e o amplo porto apenas aproveitado para abrigo de embarcações de pesca.

Foi o marquez de Pombal quem transformou esse deserto de dunas movediças, fazendo edificar a Real Villa de Santo Antonio, que hoje é incontestavelmente a terra mais pittoresca do Algarvê pela sua situação na margem direita do Guadiana, pelo seu traçado, identico ao da Baixa de Lisboa, pela importancia do seu bello porto. Em seguida á reedificação de Lisboa começaram os trabalhos para a nova povoação, e em 1775 o commercio das pescarias erigiu, na praça da villa, um obelisco commemorativo, em cuja face norte fez gravar os dizeres seguintes:

*A el Rey D. José I  
Augusto, Invicto, Pio,  
Restaurador  
das Armas, das Letras  
do Commercio, da Agricultura,  
Reparador  
da Gloria e felicidade publica,  
Clementissimo pay de seus Vassallos,  
Protector da innocencia,  
Vingador supremo da Oppressão,  
Conservador da Paz Publica  
e Inimigo da Discordia,  
O commercio das pescarias  
d'esta Villa Real de Santo Antonio  
Levantada em cinco mezes pelas  
suas Reaes providencias e Decretos,  
que com todo o zelo executou  
O Marquez de Pombal,  
da inundação do Oceano, em que  
Seculos antes esteve submergida,  
Erigio este Obelisco  
para perpetuo padrão do seu  
Humilde e Immortal Reconhecimento  
Anno de 1775*

Vem a proposito transcrever de um livro raro, impresso, em 1776, na Regia Officina Typographica de Lisboa, o resumo das festas realisadas nos dias 13, 14 e 15 de maio d'aquelle anno, na nova villa, de que hoje publicamos alguns aspectos:

«No 1.º dia — 13 de maio de 1776, — pelas dez horas da manhã fez-se a procissão do Santissimo, da camara municipal para a igreja de Santa Maria, feita á custa de el-rei e com pedra toda ella vinda de Lisboa, já aparelhada, prompta e lavrada. Havia cobertas de damasco em todas as janellas da praça e ruas do transito, juncadas todas estas. Em seguida á procissão entrar no templo, — decorado com toda a simplicidade, — houve missa cantada, sendo celebrante o governador

do bispado, dr. Thomaz Antonio Moreira do Couto Sampaio, e sermão, pelo reitor da Sé, dr. Vicente Alexandre de Tovar. Pelas 5 horas da tarde as tropas, vindas de Tavira, reuniram em volta da praça real, semeada de flores, juntaram-se nas escadas do Obelisco os clarins, trompas e mais instrumentos bellicos e musicos, que tocaram todos ao tempo que o general D. José Francisco da Costa e Sousa, — capitão general do reino do Algarve, — appareceu á janella da camara, descobrindo-se n'esse momento a coroa imperial que encima o obelisco, e a sua inscripção, gravada na base, lado do norte. A' noite houve illuminação, e nas casas da camara, onde estava aposentado o superintendente geral das alfandegas, o dr. José Gil Tojo Borja e Quinhones, teve logar a reunião litteraria ou academica, em que proferiu o elogio ao marquez de Pombal o dr. Manuel Coelho de Carvalho, juiz de fora da cidade de Faro. Depois seguiu-se um passeio no rio com barcos illuminados e com musicas, e logo na ponte ou bancas da alfandega. A's onze horas da noite começou o baile em casa do inspector das pescarias, Alberto Luiz Pereira, terminando á uma hora, e em seguida, á sua custa e em sua propria casa, se deu um refresco a que assistiram para mais de 400 pessoas portuguezas e hespanholas.

No 2.º dia, 14 de maio, ás 5 horas da tarde, as tropas formadas na



Avenida D. Amelia

praça real desfilaram para a do Pelourinho, onde se reuniu a nobreza e senado da camara para effectuar a cerimonia de levantar o pelourinho, monumento e padrão da auctoridade real, e d'ali se encaminharam ao estaleiro (ao norte da villa) para verem lançar ao rio dez grandes cahiques, e de lá regressaram á praça real, onde as tropas desfilarão. A' noite houve illuminação na praça, outeiro, poesias laudatorias e apologeticas ao rei e ao ministro, terminando por baile de mascaras em casa do mesmo Alberto Luiz Pereira, e no fim um abundantissimo refresco a todos os convidados. Terminou ás duas horas da noite.

No 3.º dia, 15 de maio, á tarde, mandou o capitão general fazer exercicio de fogo de infantaria, artilharia e cavallaria. A' noite houve brilhantissima illuminação em todas as ruas, e na camara reunião de uma academia para os professores recitarem algumas obras ou discursos em diversas linguas. A's 8 horas da noite teve logar um concerto de vozes e instrumentos em casa do mesmo Alberto Luiz Pereira, depois, — a expensas suas — uma opipara ceia, á qual assistiram numerosas familias, e no fim baile de minuets e contradanças, até manhã. Houve pelas ruas, nas tres noites, carros de triumpho e encamisados, e nenhuma desordem, queixa ou desgosto entre nacionaes e estrangeiros, povo, tropa e homens do mar. As oito corporações mandaram distribuir um arratel de carne ou de peixe, — á escolha de quem o recebia, — e um quartilho de vinho a todos os soldados nos tres dias dos festejos, um dia antes e outro depois d'elles, e o mesmo fizeram, n'esses cinco dias, aos presos da cadeia, dando a mais um pão a cada um. A noticia d'estes festejos foi annunciada e publicada no dia primeiro de maio por um manifesto assignado pelo inspector das pescarias, Alberto Luiz Pereira. Concorreu avultado numero de pessoas das provincias do Algarve e Alemtejo e das cidades, villas e povos visinhos da Andaluzia. O sermão e festas, por parte do clero, foi tudo gratuito.

Os primeiros onze edificadores da villa foram oito companhias e tres particulares, e estes e aquellas, os donos de toda a frontaria da rua da Rainha, — vulgò Baixa mar, — e seus armazens para a arrecadação e salga do peixe.

O architecto da villa foi o principal da corte, o capitão Reynaldo Manuel dos Santos. Aos festejos compareceram os donos dos predios da frontaria da villa, uns em pessoas, outros representados por membros das companhias.»

Villa Real jazeu por largos annos ignorada, vivendo quasi exclusivamente da pesca.

D'essa apathia despertou quando por meados do seculo passado se abriu á exploração a mina de S. Domingos, que

lhe trouxe novos elementos de vida com a navegação estrangeira. Creou-se a industria, a area primitiva da villa augmentou, desenvolveu-se o commercio, e estabeleceram-se carreiras de navegação fluvial e maritima para o norte do paiz. Progrediu, mas lentamente, e pouco ou nada concorreu para o seu desenvolvimento a construcção do caminho de ferro com o seu terminus em Faro.

Para que o seu florescimento se accentuasse, impunha-se a construcção de um ramal que ligasse toda a provincia. Foi o que se fez. N'um futuro proximo se evidenciará o acerto d'essa medida de grande alcance.

No dia 14 de abril chegou a Villa Real o primeiro comboio de inauguração do troço que liga a velha Tavira dos arabes á moderna terra, considerada a rainha do Guadiana

## Politica internacional

**A** final no accordo entre a corôa e a opposição na Hungria entraram todos os grupos da colligação. Pelo menos a composição do ministerio Wekerlé assim o dá a entender. Os tres principaes chefes colligados fazem parte do gabinete — os srs. Kossuth, conde Andrassy e conde Apponyi. Sob este ponto de vista não ha duvida que a pacificação se fez. Resta, porém, uma sombra n'este quadro, que se não para já é de molde a provocar inquietações emquanto ao futuro. Na conciliação a que se chegou, o partido da independencia teve de sacrificar por agora as suas reivindicações no que respeita á lingua do commando. Prudentemente andaram os chefes da colligação e sobretudo o



Villa Real do Santo Antonio. — Vista do porto

— dia de jubilo e de festejos ruidosos que uma commissão de homens intelligentes promoveu. O *Brasil-Portugal* fixa n'este numero aspectos d'essa festa e archiva os nomes dos seus organisadores — Manuel Adelino Nunes de Sousa, Dr. João Abecassis, Francisco Gomez Sanchez e Francisco Malaquias Domingues — com sinceros parabens por esse melhoramento doado á heroica provincia que tantas tradições de gloria conta no seu passado.



Quando o amor da vida nos abandona é que nos tocou já a mão fria da morte.

IMPERATRIZ D'AUSTRIA.

sr. Kossuth em não se manterem irreconciliaveis n'este ponto. Semelhante intransigencia, no estado a que as coisas haviam chegado, só podia levar a Hungria á revolução, com consequencias não faceis de prever. Pelo contrario, cedendo n'esta questão temporariamente — porque é apenas uma questão adiada e nada mais — devem ter os patriotas húngaros a certeza de que mais cedo ou mais tarde o seu triumpho é inevitavel em toda a linha.

Mas não pensam assim os exaltados da extrema esquerda do partido da independencia. Para elles a transacção no assumpto da lingua do commando representa uma abdicacão, tanto mais incomprehensivel quanto é certo que semelhante reivindicação era a bandeira commum de todos os grupos colligados, aliás de credos politicos tão diversos. Ora acontece que nas eleições, que se estão realisando, o antigo partido liberal está soffrendo uma monumental derrota, a ponto de se poder dar como segura a sua dissolução. Pelo contrario o partido da independencia, de que Kossuth é o chefe nominal, mas cuja ala esquerda vae muito além dos ideaes e dos processos d'este homem publico, promette fazer eleger um tal



Villa Real do Santo Antonio. — Praça Marquez de Pombal — O obelisco



# KYRAE TAMARA

K & T

(Valsa)

Saudação  
às creanças  
portuguezas

POR

A. Semvsky

Esta valsa foi composta expressamente para o Brasil-Portugal, que muito penhorado se confessa pela gentileza da sua auctora, M.<sup>me</sup> A. Semvsky, distinta compositora e dama illustre da Córte Imperial russa

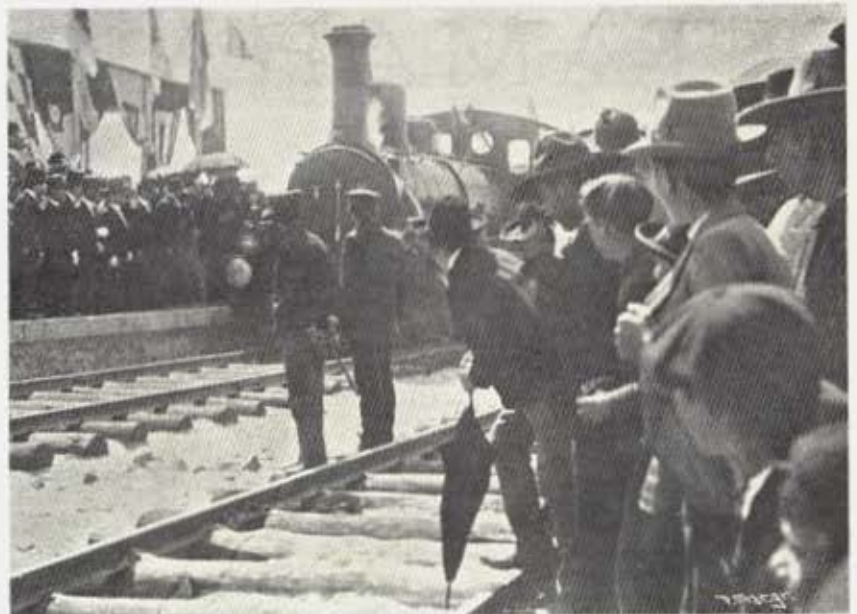
numero de deputados, que não só ha de constituir a maioria da futura camara, senão a sua quasi unanimidade. O que se prepara por consequencia, e o que deve acontecer dentro em pouco, não é muito difficil de prever. A lucta entre a corôa e a nação foi muito acerba para não deixar reminiscencias, que não tardarão a converter-se em desejos de uma completa desforra. Tudo depende, porém, do grau de sinceridade com que cada um dos pactuantes entrou para a composição. A este respeito as primeiras sessões da camara devem esclarecer-nos.

O que parece certo é que a pacificação foi feita á ultima hora, por se terem convencido os dois contendores de que uma e outra — corôa e colligação — estavam sendo o joguete da politica allemã, á qual convém para os seus fins a desunião das duas metades da monarchia austro-hungara e a sua separação eventual. Sabia-se isto em Buda-pest, dizia-se em voz alta nos *meetings* e escrevia-se em todos os jornaes. O inimigo que estava fomentando a discordia, tornando os dois partidos irreconciliaveis, era a Allemanha. Foi o que determinou e apressou a pacificação.

Deve confessar-se que a politica egoista e violenta de Guilherme II deu bom pretexto, senão justificada razão, aos que assim pensavam. E o resultado foi mais um passo para o isolamento da Allemanha, que actualmente pôde dizer-se completo. Era a Austria Hungria, no dizer do proprio imperador, o unico amigo com que o imperio allemão podia contar. Pois a metade d'elle — a Hungria — segue o caminho das demais nações continentaes. Indispõe-se com a Allemanha, porque vê um perigo para a sua propria independencia na politica seguida pelos dirigentes de Berlim. Tu quoque...

O que acaba de se passar entre a Allemanha e a Italia explica bem a desconfiança e o consequente procedimento dos húngaros. E' conhecida a attitude tomada pela Italia na conferencia de Algeciras. N'um momento dado e quando pela primeira vez teve logar uma votação decisiva os representantess italianos votaram com a França. Com a Allemanha votou simplesmente a Austria-Hungria.

Foi tirando pretexto d'este facto e obedecendo a um impolitico movimento de mau humor, que o Kaiser escreveu ao conde de Goluchowski uma carta de felicitação pela correção do procedimento da monarchia dualista na conferencia de Algeciras, offerecendo-lhe apoio identico em qualquer situação em que a Austria viesse a encontrar-se. Evidentemente esta declaração mais do que á Austria ia endereçada á Italia, pela independencia com que esta aliada soubera resistir ás suggestões do poderoso imperador. Assim, de resto, o comprehendeu a imprensa italiana sem excepção de cor



Villa Real de Santo Antonio

A chegada do primeiro comboio em 14-6-906. A camara municipal e a commissão dos festejos

partidaria, tornando-se entre outros artigos deveras notavel um publicado no *Secolo* de Milão, em que se responde á lettra á imperpinencia de Guilherme II, e em que se põe a descoberto a actual situação da triplice-alliança. A polemica, que a carta do Kaiser ao chanceller austriaco originou, está actualmente apaziguada. Mas chegou ella a assumir tal vivacidade, que por muito tempo hão de d'ella ressentir-se as relações italo-allemãs. Pôde mesmo affiançar-se que depois de semelhante polemica nunca mais essas relações tornarão a ser o que foram anteriormente. De si e da politica que segue tem unicamente a queixar-se Guilherme II. São os seus processos summarios e violentos a principal causa do isolamento actual da Allemanha e do circulo de desconfianças, que na hora presente a cerca.

Em vez de desarmar os fundados receios, que muito legitimamente a Allemanha hoje por toda a parte inspira, o imperador parece apostado em augmental-os. Dir-se-ha que o imperio allemão é bastante forte para poder prescindir de amizades politicas. Não é bem assim. Nenhuma nação pôde, sem grande transtorno para a sua situação interna e séria perturbação da sua situação externa, isolar-se das demais nações n'um tempo em que todos os interesses são solidarios e em que as alianças de facto são imprescindiveis.

Voluntariamente viveu, é verdade, a Inglaterra na *esplendida isolation* preconizada pela escola de Manchester. Mas em todo o caso não eram as outras nações que isolavam a Inglaterra. Era esta que se isolava a si propria e não queria aproximações politicas com ellas; a prova está que no dia, em que entendeu mudar de orientação, facil lhe foi ligar-se com as que quiz, a começar pelo Japão. Ora o isolamento da Allemanha não está n'este caso, e por isso não é "esplendido".

Os acontecimentos em França atraíram na quizenza finda a attenção do mundo com excepçãoal interesse. I'rimeraamente o



Villa Real de Santo Antonio. — Distribuição de bouda a 200 folras

movimento grevista da região mineira de Pas de Calais, depois a conspiração descoberta contra a republica e finalmente as eleições geraes tiveram o condão de fazer convergir para a França todas as atenções. Com relação ás grèves, originadas pela dolorosa catastrophe de Courrières, deram ellas occasião a graves desordens, que por pouco não se converteram n'um declarado movimento insurreccional e que forçaram o governo a intervir com a força armada para manter a ordem e a liberdade do trabalho, contra as quaes attentavam os grevistas. Esta questão das grèves não só em França como em geral na Europa inteira está-se convertendo no acontecimento capital da actualidade. Não ha duvida que o exercito dos trabalhadores descobriu a grande arma com que ha de alcançar o que deseja, e que começa a empregar essa arma com methodo e inquietadora persistencia. Já n'uma d'estas revistas o dissémos a proposito de uma tentativa de grève geral na Italia, que no dia em que



Villa Real de Santo Antonio. — *Commissão de senhoras*

D. Olympias d'Abreu e Sousa, D. Fernanda Lecoq Abceassis, D. Elvira e D. Concha Azevedo, D. Aurelia d'Andrade, D. Maria da Conceição Cesar, D. Carmen Gomes Sanches e D. Carmen Ortigão

era plenamente justificada, não ha mais do que attentar na conspiração reaccionario-clerical, que quasi ao mesmo tempo se descobria em Paris, graças a umas opportunas buscas domiciliarias

realizadas pela policia em casa de alguns vultos mais em evidencia dos partidos monarchicos. Pelos documentos apprehendidos sabe-se que se preparava um golpe de mão contra a republica, e que os tumultos no norte enxertados adrede no movimento grevista dos mineiros deviam servir de prologo a esse golpe de mão, que o governo com louvavel oportunidade e decisão poude prevenir. Não deixou no entretanto de produzir funda impressão a descoberta do plano dos conspiradores, por mais uma vez se patentearem as intenções em que estão os adversarios da Republica de não desanimarem, e de aproveitarem todos os pretextos para conseguirem os seus fins. Felizmente a nova geração franceza, — a que n'este momento entra no goso da sua maioridade politica — é toda ella republicana, como acabam de o provar as recentes eleições geraes, em que as esquerdas

alcançaram um esplendido triumpho sobre os partidos da reacção colligados. Voltaremos a occupar-nos d'este assumpto na proxima chronica.

CONSTITUIÇÃO PEDROSA



Villa Real de Santo Antonio. — *A estação precisoria. — O pavilhão da commissão dos festejos*

os trabalhadores de uma nação qualquer, ou de todas as nações solidarizadas, a pudérem decretar e manter, n'esse dia a velha machina das actuaes instituições politico-economicas tem que desabar. E' o que hoje começa a perceber-se com clareza, embora os governos em quasi todos os paizes continuem a gastar as suas energias em miserimas questões de interesse secundario, ou em acirrar as inimizades entre as nações.

O que é para lamentar, porém, é que por vezes, como em parte parece averiguado no caso presente, os trabalhadores se deixem transviar pelos especuladores dos partidos reaccionarios, que intentam servir-se d'elles como instrumentos para os seus fins. Foi esta intervenção de elementos extranhos ao operariado que, segundo a declaração do proprio ministro Clemenceau, obrigou o governo a pelo seu lado intervir tambem, empregando a força armada para evitar a continuação da desordem.

Para se provar que a attitude do governo da republica



Villa Real de Santo Antonio. — *Antes da chegada do 1.º comboio*



D. Amelia, companhia de zarzuela. — D. Maria, *A duvida*. — Gymnasio. — Principe Real.  
Colyseu dos Recreios, opera italiana.



Ó poderia agradecer condignamente á empresa do **D. Amelia** o enorme beneficio que ella faz á população de Lisboa quem possesse calcular ao certo as difficuldades a vencer, os attrictos a desmanchar, os impossiveis a realisar, para que uma companhia de zarzuela, notavel no seu conjuncto e notavel tambem por algumas das suas individualidades artisticas, atravesse em Lisboa n'esta época do anno uma longa temporada theatral, variando de espectáculo quasi todas as noites

Representa a organização de uma companhia d'esta ordem uma verdadeira odysseia, mas seria tambem injusto omittir que digno d'ella é o publico, porque enche todas as noites o elegante theatro e largamente compensa a empresa, arrojada e benemerita dos sacrificios, que faz para o servir.

Succedem-se vertiginosamente os espectaculos mais attrahentes e mais variados, e parece não terem cessado ainda as palmas sobre as ultimas notas de uma zarzuela em voga, para que outras repercutam mais entusiasticas ainda aclamando auctor, scenario, maestro e artistas, de outra zarzuela não menos cheia de interesse picante, de vida e de salero. *El Contrabando*, a *Agua azucarillos y aguardiente*, os *Abanicos e Panderetas*, a *Arte de ser bonita*, os *Guapos*, a *Golfemia*, a *Fosca*, *El gran Petardo*, *Los Africanistas*, a *Feira de Sevilha*, a *Alegria de la Huerta*, a *Enseñanza Libre*, o *Baile de Luiz Alonso*, etc., são obras primas no genero, postas em scena com um luxo desusado nos nossos theatros, e dando ampla margem a que se revelem com brilho e se applaudam com calor as aptidões de artistas, aos quaes o publico já pertence de alma e coração, como a Irene Alba, cuja festa foi um triumpho, a Pilar Marti, a Carmen Dias, a Maria Gurins, a Francisca Cedan, os magnificos actores comicos Miró, Gundeó e Gamero, o impeccavel Escobar, e outros ainda.

Se se accrescentar que os apparatusos bailados, com que as zarzuelas fecham, avivam ainda no espectáculo de cada noite a impressão da Hespanha pittoresca, irrequieta e alegre, ter-se-ha dado a nota justa do que são para a população de Lisboa as inoiváveis noites do *D. Amelia*.

Iamos já perdendo a esperanza de que a moderna litteratura dramatica nacional se assignalasse por um trabalho que tivesse mais theatro que litteratura, que fosse uma obra de theatro, em summa.

Pois é justissimo confessar que essa má impressão desapareceu deante de *A duvida*, do sr. Augusto de Lacerda, representada com exito no theatro de **D. Maria**.

E porquê?

Porque se sente n'essa obra o pulso de um escriptor de theatro. Tem o imprevisto, tem o interesse que não affrouxa nunca, que se

desdobra de scena em scena, tem toda a technica da dramatisação, dentro de uma acção corrente, logica, deduzida com fluencia e simplicidade, tem notas tocantes, e o merito superior de empolgar ainda e interessar sempre o publico, mesmo depois de ser empolgado por uma scena que parece não ter consequentes, como se o auctor caprichasse em mostrar que para o talento real de dramaturgo, o inesperado, o imprevisto, o empolgante, se torna inexgotavel.

Tem defeitos? Qual é a obra humana que os não tem? Qual é sobretudo a obra de theatro que d'elles esteja isenta?

Notem-lhe os litteratos *raffinés*, se quizerem, monotonia na linguagem, falta de côr, essa musica celeste do dialogo, que é a materia prima da obra de Lemaitre e de Lavedan.

Os psychologos, os creadores d'alma, frisem muito embora deficiencias nos traços caracteristicos dos personagens, exerça-se á vontade a critica sobre a these, sobre os fins da peça do sr. Lacerda, sobre a duvida em que o personagem principal tanto como o espectador ficam quando o panno corre sobre o ultimo acto, a mesmo que assaltou um e outro ao desdobrar das primeiras scenas, façam quantos reparos quizerem, que theatro, o que constitue propriamente theatro é o que está dentro d'ella, é a sua sabia estrutura, a sua admiravel technica, o poder de se impôr ao publico, exigente ou ingenuo.

Regatear-lhe esse louvor seria negar a verdade.

Para o exito que, como fica dito, foi brilhante, largamente contribuíram Brazão, o talentoso artista de sempre, que deu ao official de marinha uma esplendida envergadura, e Maia, e Carolina Falco, Augusta Cordeiro, Luz Velloso, Carlos Santos, Pinto Costa, devendo dizer-se para se não faltar á verdade, que todos estes artistas mostraram uma accentuada boa vontade em tornar brilhantissimo o desempenho de *A duvida*. E conseguiram-no.

Além do **Gymnasio** e do **Principe Real**, que vão explorando as peças mais laureadas dos seus reportorios, resta-nos o **Colyseu dos Recreios**.

E talvez já se torne banal o pôr em relevo o avantajado serviço que Antonio Santos fez a Lisboa, conseguindo todos os annos apresentar-lhe uma companhia d'opera com elementos de valor, e resolvendo o milagre estupendo de fornecer-lhe todas as noites, por um preço insignificante, o que têm de melhor os grandes reportorios musicaes, interpretados por artistas de valor. Popularisar a musica tem sido a sua missão de empresario, e hoje que a palavra propaganda está em voga e em moda, são poucos todos os elogios a este homem que se não poupa a esforços e sacrificios individuaes, affrontando com coragem as consequencias do que a muitos se affiguraría excessiva temeridade, para dotar Lisboa e a sua população de uma serie de espectaculos lyricos, que apuram o gosto, nivelam as classes e popularisam a arte.

JAYME VICTOR

